

Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)

*Crisis and the labor market: professional trajectories of journalists in
Brazil (2012-2017)*

*Crisis y mercado laboral: trayectorias profesionales de periodistas en
Brasil (2012-2017)*

—

Felipe Simão PONTES

Brasil

Universidade Estadual de Ponta Grossa

fspontes@uepg.br

Jacques MICK

Brasil

Universidade Federal de Santa Catarina

jacques.mick@ufsc.br

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

N.º 154, diciembre 2023 - marzo 2024 (Sección Monográfico, pp. 27-30)

ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X

Ecuador: CIESPAL

Recibido: 19-12-2023 / Aprobado: 21-12-2023

Resumo

O artigo apresenta os resultados de survey sobre trajetórias profissionais de jornalistas brasileiros de 2012 a 2017, período em que às transformações estruturais do ofício se somou a complexa crise política, econômica e social no Brasil. Iniciado com manifestações de massa em 2013, o período de tensões políticas no país foi transmitido e fomentado por grandes empresas jornalísticas. O survey foi respondido em 2017 por 1.233 profissionais que, cinco anos antes, haviam participado de pesquisa de perfil da categoria. Os dados permitem a comparação direta de informações sobre a posição ocupacional dos respondentes nos dois momentos, além de recolherem representações dos jornalistas a respeito dos efeitos das duas crises sobre seu trabalho.

Palavras-chave: trajetórias profissionais, jornalistas brasileiros, crise

Abstract

This article presents the results of survey about professional trajectories of Brazilian journalists between 2012 and 2017, period in which the complex political, economic and social crisis has been added to the structural transformations of the profession. Starting with mass demonstrations in 2013, the period of political tension in the country was transmitted and encouraged by large journalistic companies.. The survey was answered in 2017 by 1233 brazilian journalists which, five years before, had been participated of the research of professional category profile. The data allow the comparison of informations about the occupational position of respondents in two moments, besides collecting journalists representations about the effects of two crisis on their job.

Keywords: professional trajectories, brazilian journalists, crisis

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una encuesta sobre las trayectorias profesionales de periodistas brasileños entre 2012 y 2017, período en el que a las transformaciones estructurales de la profesión se sumó la compleja crisis política, económica y social. A partir de las manifestaciones masivas de 2013, el período de tensión política en el país fue transmitido y alentado por las grandes empresas periodísticas. La encuesta fue respondida en 2017 por 1.233 periodistas brasileños que, cinco años antes, habían participado de la investigación de categoría profesional. perfil. Los datos permiten comparar informaciones sobre la posición ocupacional de los encuestados en dos momentos, además de recopilar representaciones de los periodistas sobre los efectos de dos crisis en su trabajo.

Palabras clave: trayectorias profesionales, periodistas brasileños, crisis

Introdução

Os jornalistas foram protagonistas importantes da prolongada crise que afeta o Brasil desde 2013. Motivada pela forte desaceleração econômica que produziu 12 milhões de desempregados –feito tardio da crise financeira internacional de 2008 combinada à ampla sorte de equívocos em políticas governamentais–, a crise é igualmente política e social¹. As grandes empresas jornalísticas cumpriram papel relevante na formação da opinião pública favorável à deposição da presidente Dilma Rousseff, estimulando a polarização política e a criação de coalizões nos grupos antilulistas². Ao endossar medidas judiciais controversas, apoiar manifestações antipetistas e corroborar decisões parlamentares claramente casuísticas, quando não francamente corruptas, as coberturas jornalísticas de grandes corporações nacionais e regionais foram decisivas para o impeachment e suas consequências sociopolíticas e econômicas.

O Brasil tinha em 2012 cerca de 145 mil jornalistas, dos quais em torno de 60 mil trabalhavam em empresas jornalísticas – em cargos internacionalmente reconhecidos como jornalísticos; os demais, ocupavam funções jornalísticas em assessorias de comunicação (em empresas, governos, organizações sociais), no ensino (como professores de cursos de jornalismo), estavam desempregados ou trabalhavam fora da profissão (Mick; Lima, 2013). Este artigo investiga os efeitos sobre as trajetórias profissionais de jornalistas da crise narrada, configurada e amplificada pela chamada “grande mídia”.

O objeto de reflexão é um *survey* realizado no final de 2017 com jornalistas que responderam à pesquisa de perfil da categoria profissional cinco anos antes. A equipe que realizou a enquete “Perfil do Jornalista Brasileiro” em 2012 (Mick; Lima, 2013) obteve e-mails de 4.215 respondentes, que foram convidados para responder novo questionário, desta vez sobre suas trajetórias profissionais no período. A enquete obteve a participação de 1.233 jornalistas, 29% dos convidados. O instrumento permite observar reconfigurações de carreira impostas pelo cenário de crise, levando em conta as variações sociodemográficas (de gênero, faixa etária, identidade étnica, escolaridade ou local de residência). A metodologia é semelhante à adotada por Beam, Weaver e Brownlee (2009), embora as questões tenham outros temas e objetivos.

A abordagem parte de uma leitura da economia política e da sociologia do trabalho que evidenciam as transformações do capitalismo, as políticas de ajuste fiscal, os impactos das tecnologias da informação nas relações de trabalho e seu contínuo processo de precarização que atingem especificamente o Brasil

- 1 A sociedade brasileira divide-se nos últimos anos em blocos polarizados, aparentemente inconciliáveis em torno de qualquer temática: os ricos contra os pobres; o patriarcado contra os defensores da igualdade entre os gêneros; os racistas contra os militantes da igualdade racial; os autoritários contra os cada vez menos numerosos entusiastas da democracia.
- 2 Utiliza-se aqui a expressão “lulismo” para designar o fenômeno político que levou à reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2006, às eleições sucessivas de Dilma, em 2010 e 2014 (cf. SINGER, 2009, 2012, 2016) e culmina com o retorno dele ao poder em 2022.

a partir de 2013 e que, igualmente, impactam na ocupação jornalística. Trata-se de um estudo que aplica um método quantitativo para entender trajetórias profissionais (Bastin, 2016; Bastin e Machup, 2016).

A hipótese do estudo é de que os jornalistas de mídia sofreram com particular intensidade os efeitos das crises sociais e políticas do período. Observações anteriores sobre as variações no mercado de trabalho para jornalistas notaram significativo fechamento de vagas na mídia, por meio de demissões em massa, e a migração de profissionais para novas fronteiras de atuação não midiáticas, notadamente no marketing de conteúdo (Schmitz, 2017). Neste artigo, analisamos uma parcela dos resultados do survey, aquela que se refere às características gerais das trajetórias dos respondentes.

Estruturamos o artigo em quatro partes. A seção inicial discute o contexto da dupla crise vivida pelos jornalistas brasileiros no período - quando as dificuldades socioeconômicas e políticas do país se dobraram sobre as transformações estruturais que incidem sobre o jornalismo. A segunda seção apresenta a metodologia do survey, cujos resultados são apresentados e interpretados na terceira parte. A última seção contempla uma discussão final sobre a pesquisa, apontando a necessidade de investigações complementares para expandir a compreensão sobre o tema.

Contexto e problema

Propomos estudar aqui os efeitos das intensas transformações pelas quais passa o jornalismo contemporâneo sobre as trajetórias profissionais. Os jornalistas trabalham em um ambiente de flexibilidade e precarização, resultado de transformações econômicas, tecnológicas e políticas que estruturam o campo contemporâneo dos mídia. Vivemos uma conjuntura histórica de sucessivas crises no capitalismo, com mudanças estruturantes na forma de organização do capital global, das políticas de Estado (nacional e internacional) e nas relações de trabalho - movimentos que estruturalmente caracterizam o sistema (Harvey, 2016).

Desde 2013, o Brasil atravessa uma importante crise econômica, política e social, que se tornou mais aguda a partir do final de 2015, com a tramitação e aprovação do impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff, sucedido pela realização de reformas que remodelam a estrutura do Estado e as relações de trabalho³. As grandes empresas jornalísticas tomaram parte nessas mudanças, e os jornalistas, direta e indiretamente, influenciaram e sofreram as influências de todo esse processo. Se alguns jornalistas foram protagonistas dessa crise - como narradores dos acontecimentos ou como intérpretes engajados em algum dos lados dos conflitos que levaram ao impeachment da presidente Dilma

3 Caso da aprovação da Reforma Trabalhista e da Lei de Teto dos Gastos Públicos e da proposição da Reforma da Previdência, além da expansão da agenda de privatizações - presentes no período e que geram consequências contemporaneamente.

Rousseff e à posse e ao triunfo da agenda de reformas neoliberais de Michel Temer e de Jair Bolsonaro -, grande parte da categoria também vivenciou as consequências negativas do período.

As pesquisas sobre a profissão do jornalista no Brasil ganharam maior fôlego a partir do final dos anos 1990 e início dos 2000 (Herscovitz; Cardoso, 1998; Herscovitz, 2004; Rocha, 2004; Petrarca, 2007) e se consolidaram a partir de 2010 (Grohmann, 2010; Herscovitz, 2012; Mellado, Lagos, Moreira, 2012; Lopes, 2013; Figaro, Nonato, Grohmann, 2013; Mick, Lima, 2013; Leite, 2015; Mellado et al 2017; Lelo, 2019). Dentre os temas mais trabalhados estão os valores e identidades profissionais, as características do trabalho (tanto em geral, quanto de grupos específicos da categoria, como as mulheres ou os trabalhadores *freelancer*) e tópicos especializados como a saúde dos profissionais ou os assédios sexual e moral. Os estudos de Pereira (2011, 2013, 2015) enfatizaram a relevância de estudar as trajetórias profissionais de jornalistas.

Com base nesses estudos, decidimos realizar uma pesquisa em grande escala de trajetórias profissionais, tomando como objeto empírico a realidade dos jornalistas brasileiros, mais especificamente as transformações pelas quais passaram a profissão e seus trabalhadores nos últimos cinco anos (2012-2017). Ao estudar os jornalistas brasileiros estamos diante de um objeto complexo, que carrega efeitos das transformações no jornalismo e no capitalismo. Assim como em outras partes do mundo, o avanço da economia neoliberal adentra uma nova etapa no país, em sua fase de ajuste fiscal, que reduz direitos trabalhistas, aumenta o desemprego, exige trabalhadores que sejam autônomos, atuem por projetos e se modelem como “empreendedores” e “empresários de si próprio” (Dardot; Laval, 2016), em uma praxeologia e moral que forjam biografias sob riscos constantes. A maior parcela dos jornalistas, sobretudo na mídia, vive sob condições análogas à do precariado (Standing, 2014), como acontece a grande parte dos trabalhadores brasileiros (Alves, 2009; Antunes, 2011; Braga, 2012), ainda que apresentem especificidades (Mick, 2013b; Bertolini, 2015; 2017). Uma particularidade fundamental da categoria é sua estrutura dual, que a cinde a ampla massa de precarizados e o pequeno grupo dos profissionais consagrados, beneficiados por uma gama de compensações financeiras e simbólicas inacessível ao conjunto dos jornalistas.⁴

Os jornalistas brasileiros, em sua maioria, nunca tiveram relações de trabalho estáveis, defesa profissional no padrão de outras categorias nem deixaram de ser constantemente assediados por interesses políticos e econômicos. Porém, como párias das relações de alta classe (Bastin, 2013), os jornalistas permanecem necessários, tanto para a elite política quanto para a econômica (Souza, 2014; 2016; 2017). São sujeitos que gozam de algum poder, especificamente a elite

4 A visibilidade do grupo dos estabelecidos configura o modelo em torno dos quais são produzidas as representações sociais sobre a profissão. As trajetórias dos indivíduos que compõem esse pequeno grupo - e que permanecem por décadas em posições dominantes no campo profissional - são adotadas como paradigma desde os primeiros meses de socialização na carreira, logo depois do ingresso na universidade.

profissional, que transita pelas elites econômicas, políticas e artísticas, ainda que em poucos casos sejam admitidos nessas mesmas classes (Rieffel, 1984). Os jornalistas, como trabalhadores da informação, diferem obviamente dos *publishers*, donos dos meios para os quais trabalham - mas a insistência destes em apresentar-se como aqueles (“...o presidente das Organizações Globo, jornalista Roberto Marinho...”) denota um campo que se empenha em diluir identidades e diferenças de classe em valores ou missões consensuais.

Os jornalistas, por outro lado, são trabalhadores intelectuais, e suas relações com a elite, bem como a estrutura hierárquica do campo profissional, concebe o sucesso sob signos como a boemia ou a independência em relação aos projetos empresariais ou aos poderosos. Similares aos artistas, o jornalismo é concebido pelos jornalistas majoritariamente como um trabalho de criação (Pontes, 2015). E essa capacidade de criação, mais do que inovar necessariamente, significa se aproximar e se tornar importante para elites políticas, econômicas e culturais (Bergamo, 2013). Quer dizer, em termos bourdesianos, adquirir capitais simbólico e cultural.

Essa relação de desprendimento ideológico com o trabalho, a ênfase na criação quando a repetição é a base da atividade e a busca por autonomia para além das vinculações de classe (que de fato o condicionam como assalariados) oferecem substrato ideológico para as relações estruturantes que condicionam o trabalho jornalístico. Primeiramente, uma hiperconcorrência (Charron; Bonville, 2016) que se converte em crise publicitária e atinge monetariamente as empresas jornalísticas – com destaque para o domínio do Google e do Facebook para os anúncios na web; mudanças tecnológicas que aumentam a concorrência na produção da informação, possibilitando o acesso de um número muito maior de agentes à mídia e logo uma hiperconcorrência no âmbito da produção e da busca por atenção dos receptores; crise financeira, que atinge direta e indiretamente empresas jornalísticas e empresas anunciantes; formação massiva de jornalistas em nível superior, o que redundava em um grande contingente de reserva em um mercado estagnado, quando não em recessão.⁵

Como consequência das características estruturantes e ideológicas presentes no jornalismo, observa-se um dismantelamento das relações de trabalho dos jornalistas, demissões em grandes proporções nas empresas tradicionais (no Brasil foram denominadas de “passaralhos”), aumento da carga de trabalho com redução de pessoal na redação, multifuncionalidade, contratos precários, aumento do número de free-lancers, de jornalistas prestadores de serviço (“pejotização”), realização de trabalho por projetos, dependência dos contadores de clicagem, alta rotatividade dos profissionais e abandono da profissão.

5 Mick e Lima (2013) indicaram que havia cerca de 145 mil jornalistas no Brasil e desses, 90% são graduados em jornalismo. Já naquele período, o percentual de jornalistas desempregados ou fora da profissão - ou seja, o exército de reserva - alcançava 24%, um quarto da categoria.

Além disso, há uma disseminação no Brasil (mais ideológica que concreta) do denominado “jornalismo independente”, com a criação de veículos de forte engajamento social, mas sem oferecer sustentabilidade financeira para os sujeitos que neles trabalham. Esses arranjos, quando sustentáveis, mantêm-se por financiamento de fundações internacionais ou por *crowdfunding* - modalidades baseadas em projetos, sazonais e que exigem, para serem viabilizadas, o domínio de funções que não são próprias do jornalismo, como a elaboração de projetos e o planejamento de ações em redes sociais. A maior parte desses projetos é baseada em voluntariado, contribuindo para a desvalorização do trabalho jornalístico, ainda que seja possível reconhecer qualidade no material que produzem e relevância política em seu caráter contra-hegêmico.

A categoria, portanto, é pressionada sob essas crises, do capitalismo, do jornalismo e da conjuntura política no Brasil. A coexistência dessas crises tornou particularmente desafiador o desenvolvimento de trajetórias profissionais por parte dos jornalistas brasileiros, nos últimos cinco anos. Nesse período, as transformações estruturais do ofício, comuns à maior parte dos países do Ocidente, levaram ao fechamento de veículos impressos, à redução das equipes jornalísticas em mídias eletrônicas (rádio e TV) e à emergência de mídias online com variado grau de profissionalização (em alguns casos, baseadas em trabalho voluntário ou na iniciativa de amadores). Em paralelo a esse fenômeno, bastante discutido, os jornalistas brasileiros enfrentaram os efeitos, sobre sua profissão, de uma crise complexa, ao mesmo tempo econômica, social e política. Sob esse contexto, verificamos como 1.233 jornalistas atravessaram as intensas mudanças que ocorreram no país nos últimos cinco anos (2012-2017).

Metodologia e características sociodemográficas dos respondentes

Entendemos a trajetória profissional como parte do ciclo de vida dos indivíduos na sociedade. Tais ciclos, como entende Hughes (2005), são compostos por fases biológicas, marcações espaço-temporais e pela institucionalidade das relações da escola e do trabalho. Como explica Strauss (1999, p. 108-122), o trabalho, e mais especificamente as profissões, resultam de atribuição de status que marcam indelevelmente a identidade dos sujeitos. É produto de treinamento, pressupõe uma posição perante a sociedade e um conjunto de normas internas, escritas ou tácitas, que pressupõe um desenvolvimento ao longo do tempo e legitima as hierarquias estabelecidas para constituição do status. Os indivíduos, em uma trajetória profissional, reconhecem a posição que ocupam, historicizam as posições já ocupadas e projetam aquelas que poderão ocupar. É justamente esse deslocamento, e sua possibilidade, que forja a identificação dos indivíduos a uma carreira (Strauss, 1999; Friedman, 1995). Porém, nos momentos de transformações de atribuições, de descaracterização das posições de status e de crises estruturantes, a própria condição da carreira, para os indivíduos, pode estar em xeque, exigindo modificações importantes - por vezes o abandono - de

uma trajetória profissional. Essa decisão não afeta apenas a relação do indivíduo com o trabalho, mas interfere em toda a sua vida.

A realidade de modificações estruturais pelas quais passa determinada institucionalidade (no caso, o jornalismo brasileiro) afeta as trajetórias de milhares de indivíduos. Tal situação permite não apenas estudos individualizados, de histórias de vida, mas reflexões generalizantes sobre os impactos de tais transformações em toda uma categoria. Sob esse diapasão, as coerências encontradas em inúmeras trajetórias têm o potencial de assinalar as transformações. É o que pretendemos avaliar com base em respostas quantitativas e qualitativas de 1.233 jornalistas brasileiros.

Para estudo do objeto proposto, tomamos como base temporal os dados sociodemográficos obtidos pela pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro”, um websurvey aplicado de setembro a novembro de 2012 e que obteve 4.200 respostas válidas, com respondentes de todos os estados e de fora do país, e que consolidou resultados proporcionais a toda categoria com amostra de 2.791 jornalistas (MICK; LIMA, 2013). A pesquisa de campo foi concluída seis meses antes das manifestações de junho de 2013; foi, assim, a última grande investigação sociodemográfica sobre jornalistas antes da crise brasileira.

Cinco anos depois, no segundo semestre de 2017, foi realizado um novo websurvey, com perguntas direcionadas aos 4.200 respondentes de 2012. O campo ocorreu de 16 de novembro a 14 de dezembro e obteve 1.233 respostas válidas. Baseado em estudo similar realizado por Bean, Weaver e Browlee (2009), o objetivo do survey aqui em tela é o de verificar as trajetórias de jornalistas no período de crise.

Toda pesquisa social se beneficia da combinação de elementos quantitativos e qualitativos, estes para detectar especificidades e categorias com potencial de generalização, e aqueles para oferecer substratos mais gerais, que permitam ao pesquisador ter noções básicas sobre o conjunto do *corpus* pesquisado (COMBESSIE, 2004). Dentre as metodologias quantitativas, a pesquisa *survey*, ou de entrevista fechada, oferece ferramentas que permitem aferir características de uma população (com base em categorias de amplo uso nas ciências sociais e nos inquéritos já existentes) sob a definição de uma base amostral (BABBIE, 2005). Tradicionalmente essa ferramenta de pesquisa exige recursos financeiros e de equipe, pois demanda grande quantidade de entrevistas com vistas a permitir, por cálculo de amostragem, generalizações para toda a população analisada.

Nesta pesquisa realizamos uma enquete em rede (*online survey*), modalidade que utiliza questionários online direcionados por diferentes canais - como e-mail, redes sociais, bate-papo e home pages. Baseada em Evans e Mathur (2005) e Wright (2006), a *online survey* tem por vantagens o acesso a populações de difícil contato, otimização do tempo de resposta e processamento de dados, bem como custos reduzidos. O entrevistado pode responder o questionário em momentos e horários que lhe aprouver, bem como oferece a impessoalidade, o que tende a facilitar o acesso às fontes. Por sua vez, o método apresenta desvantagens

apontadas em estudos especializados, como o possível enviesamento da amostra (quando não há técnicas de controle do acesso dos diferentes estratos ao questionário, especialmente quando publicado em redes sociais e home pages), desconfiança das fontes, entrada no questionário de sujeitos não objeto da pesquisa e acesso restrito de parte da população à internet.

A pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros utilizou apenas o e-mail como instrumento de coleta, tendo o *software* de pesquisa *online Survey Monkey* como gerenciador. Como todos os respondentes da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012 registraram e-mail válido de contato, cada questionário foi validado pelo e-mail de contato pelo qual os respondentes receberam o link para a pesquisa. Em alguns casos em que o sujeito acessou o questionário com outro e-mail, o processo de saneamento da base confrontou dados das duas pesquisas para confirmar se a pessoa era a mesma. Em casos em que não se obteve certeza dessa associação, a resposta foi eliminada da base.

Com a obtenção dos dados, realizamos uma análise sobre a trajetória profissional do indivíduo no trabalho jornalístico, quantidade de vínculos empregatícios, mudanças de regime de trabalho (carteira assinada, temporário, free-lancer, prestador de serviços ou contratação como pessoas jurídicas), aumento da quantidade de empregos e de horas trabalhadas, multifuncionalidade, salário, saúde no emprego, desemprego, abandono da profissão etc. Ao comparar as respostas nos dois questionários, pretende-se compreender permanências e mudanças no trabalho dos respondentes.

As 1.233 respostas obtidas advêm de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal⁶. Participaram da pesquisa 754 mulheres (61,2%) e 479 homens (38,8%), o que corresponde aproximadamente à proporção da maioria feminina do jornalismo brasileiro (dois terços da categoria) (Mick; Lima, 2013). Quanto à cor e raça, 73,1% das respondentes declararam-se brancas, 19,9% pardas e 4,4% pretas. Os respondentes, em 2017, concentram-se nas faixas de 26 a 30 anos (27,7%, sendo que apenas 2,6% têm até 25 anos), 31 a 35 anos (27,4%) e 36 a 40 anos (14,3%). Pertinente a uma amostra majoritariamente acima dos 30 anos, em sua congruência com os ciclos de vida, 32,9% dos respondentes declararam estar casados e 19,9% em união estável, o que soma 52,8% - em comparação com 2012, quando 33,8% encontravam-se casados ou em união estável. A inversão se materializa no número de solteiros, que eram 60,5% em 2012 e em 2017 passaram a 39,4%.⁷ O casamento e a união estável têm por marcas, em sociedades ocidentais, a busca por solidez financeira e construção de família, ciclo fortemente impactado por momentos de crises.

6 Não foi respeitada a proporcionalidade da amostra conforme o Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012, por se tratar de um estudo de trajetórias na qual esse aspecto metodológico não é relevante. Na distribuição por estados, São Paulo e Sudeste sem São Paulo estão subrepresentados em relação à amostra representativa de 2012 e o Sul está sobrerrepresentado.

7 Na faixa etária de 26 a 30 anos, 55,4% dos respondentes são solteiros. Tal processo começa a se inverter na faixa de 31 a 35 anos (42,9% de solteiros e 54,5% de casados e em união estável) e dos 36 a 40 anos (31,9% de solteiros, 55,1% de casados e união estável).

Dados e interpretações

As trajetórias profissionais de 1.233 jornalistas brasileiros de 2012 a 2017 oferecem dados reveladores sobre os impactos das crises econômica e editorial que se abate sobre a profissão.

Estamos tratando de uma categoria muito qualificada, que nos últimos cinco anos aperfeiçoou ainda mais seu currículo. Em 2012, 55% dos respondentes tinham como formação mais avançada ensino superior completo e 44% pós-graduação (27% especialização, 13% mestrado, 3% doutorado e 1% pós-doutorado). Em 2017, 40% tinham a graduação como principal nível de formação e 59% pós-graduação (34% especialização, 19% mestrado, 5% doutorado e 1% pós-doutorado). Por outro lado, diminuiu o número de respondentes que estavam estudando em 2017: 27%, diante dos 33% que estudavam em 2012. Os dados reforçam a impressão de que os jornalistas são um grupo profissional pressionado para manter formação continuada, como forma de se sentirem competitivos no mercado de trabalho.⁸

A pesquisa aponta mudanças importantes no perfil de ocupação dos jornalistas. A primeira delas é que cresceu significativamente o número de profissionais que se afastaram da profissão - por aposentadoria, desemprego ou emprego em atividade não-jornalística. Em 2012, esse grupo era formado por 22% dos respondentes e, cinco anos depois, a taxa cresceu para 38% (Tabela 1). Desses 16 pontos percentuais, a maior parcela (onze pontos) é formada por profissionais que já trabalharam como jornalista, estão empregados agora, mas não na profissão. O segundo principal fator de desengajamento profissional é o desemprego: o volume de não-ocupados entre os respondentes cresceu de 5% para 8%. Com taxas menores, aposentadoria e dedicação integral aos estudos completam o quadro de desengajamentos. Em contraposição ao grupo dos desengajados, o bloco dos que cinco anos atrás nunca haviam trabalhado em jornalismo reduziu-se à metade (de 4% para 2%).

Tabela 1. Você trabalha atualmente como jornalista ou professor de jornalismo?

| | 2012 | | 2017 | |
|---|------|----|------|----|
| | N | % | N | % |
| Já trabalhei como jornalista, agora estudo | 50 | 4% | 70 | 6% |
| Já trabalhei como jornalista, agora estou aposentado. | 11 | 1% | 29 | 2% |
| Já trabalhei como jornalista, agora estou desempregado. | 49 | 4% | 97 | 8% |

8 A qualificação, associada ao aumento médio da idade, ajuda a explicar também que mais jornalistas se encaminham para a docência (em 2012 eram 6% e em 2017, 10%). Mas a presença percentualmente mais elevada de professores deve-se, provavelmente, ao viés de autosseleção: docentes e pesquisadores de mestrado ou doutorado têm mais interesse em responder pesquisas que pessoas com outras atividades ou níveis de formação.

| | | | | |
|---|-----|-----|-----|-----|
| Já trabalhei como jornalista. Estou empregado agora, mas não como jornalista. | 104 | 8% | 232 | 19% |
| Nunca trabalhei como jornalista, mas já tive outros trabalhos e agora estou desempregado. | 10 | 1% | 3 | 0% |
| Nunca trabalhei como jornalista ou professor de jornalismo, mas tive outros trabalhos e agora estou aposentado. | ND | ND | 2 | 0% |
| Nunca trabalhei como jornalista. Estou empregado agora, mas não como jornalista. | 36 | 3% | 21 | 2% |
| Nunca trabalhei. | 11 | 1% | 9 | 1% |
| Sim. | 962 | 78% | 770 | 62% |

Org: os autores

A distribuição dos profissionais por tipo de atividade dentro do jornalismo também mudou significativamente em cinco anos. Em 2012, os 1.233 respondentes que trabalhavam em jornalismo estavam em sua maioria com empregos na mídia (54%). As assessorias, ainda que importantes, absorviam 40%. Em 2017, as trabalhadoras da mídia foram reduzidas para 45% e as que integram as assessorias também a 45%. Os dados da tabela 2 indicam claramente que as crises editorial e político-econômica produziram efeitos principalmente sobre o emprego dos respondentes nas mídias e ou redações (14 pontos percentuais a menos em cinco anos, na coluna com o conjunto dos tipos de ocupação). Os respondentes que deixaram a profissão saíram sobretudo de trabalhos na mídia, mas também fora da mídia houve redução de postos de trabalho, embora bem menor (3 pontos percentuais). Os dados podem também indicar que, ao aumentarem a idade e o tempo de carreira dos jornalistas, há uma tendência de saída dos empregos da mídia para trabalho nas assessorias ou como professor.

Tabela 2. Em seu trabalho principal como jornalista, qual a área de atuação?

| | 2012 | | | 2017 | | |
|---|------|-----|-----|------|-----|-----|
| | N | % | %* | N | % | %* |
| Fora da mídia em docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento) | 58 | 5% | 6% | 79 | 6% | 10% |
| Fora da mídia em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras áreas que utilizam conhecimento jornalístico) | 387 | 31% | 40% | 348 | 28% | 45% |
| Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo etc.) | 517 | 42% | 54% | 343 | 28% | 45% |
| Não trabalham em jornalismo | 271 | 22% | | 463 | 38% | |

* Percentual sobre respostas dos que trabalham em jornalismo

Org: os autores

Previsivelmente, o tempo de trabalho como jornalista nesse grupo deslocou-se para faixas superiores. Se em 2012 os respondentes estavam sobretudo em início de carreira, com 52% concentrando-se de 1 a 5 anos de carreira, agora 51% se distribuem na faixa de 2 a 10 anos de trabalho na carreira (Tabela. 3). A notar

que, nos grupos até 5 anos, há quase um quarto dos respondentes - e boa parte deles trabalhou por curto período na profissão.

Tabela 3. Por quanto tempo trabalha/trabalhou como jornalista profissional? (Anos completos)

| | 2012 | | 2017 | |
|-----------------|------|-----|------|-----|
| | N | % | N | % |
| Até 1 | 194 | 16% | 50 | 4% |
| 2 a 5 | 448 | 36% | 234 | 19% |
| 6 a 10 | 230 | 19% | 398 | 32% |
| 11 a 15 | 93 | 8% | 193 | 16% |
| 16 a 20 | 55 | 4% | 85 | 7% |
| 21 a 25 | 57 | 5% | 71 | 6% |
| 26 a 30 | 44 | 4% | 65 | 5% |
| Acima de 31 | 55 | 4% | 102 | 8% |
| Nunca trabalhou | 57 | 5% | 35 | 3% |

Org: os autores

Entre os respondentes que permaneceram na carreira, a pesquisa procurou aferir dados a respeito de certos detalhes da trajetória profissional ao longo dos últimos anos - aumento no número de vínculos, variações no tipo de contratação, flutuações de renda e jornada de trabalho, todos possíveis indicadores de precarização do trabalho (Mick, 2013b).

Constatamos uma relativa estabilidade na quantidade de vínculos profissionais declarados pelos respondentes no período de 2012 a 2017. Os respondentes continuam concentrados nas faixas de 2 a 5 vínculos (53% em 2012; 50% em 2017) e de 6 a 10 vínculos na carreira (22% e 27% respectivamente). Somadas, as duas faixas reuniam 75% dos respondentes em 2012 e 77% deles cinco anos depois. De todo modo, trata-se de um número bastante elevado de vínculos, considerando-se o encurtamento das carreiras. A quantidade de fontes de renda manteve-se estável nos últimos cinco anos (em 2017, 60% têm um emprego, 20% têm dois, 6% têm três ou mais, 8% são freelancers e 7% não têm emprego). O mesmo pode ser afirmado quanto à quantidade de fontes de renda advindas do jornalismo: isolando-se o grupo de 38% que não atuam na profissão, 71% dos atuantes têm um emprego, 20% têm dois, 4% têm três ou mais e 4% atuam como freelancers). Mantém-se o quadro de 2012, quando se constatou que um quarto dos trabalhadores têm mais de um emprego.

A forma de entrada no principal emprego jornalístico apresenta mudança significativa de 2012 para 2017, o que denota características relevantes sobre a carreira. Como pode ser visto na tabela 4, houve aumento no número de

jornalistas que abriram a própria empresa (5% em 2012, 8% em 2017) e redução daqueles que entraram por estágio ou *trainee* (o que é compreensível, dada a maior distância em relação ao tempo de formação superior dos respondentes). Houve também significativo aumento na presença de concursados, o que pode ter muitos significados combinados. Num contexto de redução geral do emprego na categoria, esse segmento permanece estável (e, portanto, aumenta sua presença relativa); além disso, o dado pode indicar que uma parte dos jornalistas alcançou posições que almejavam no interior do campo, aproveitando oportunidades no serviço público que surgiram ao longo das crises.⁹

Tabela 4. Como você ingressou em seu principal trabalho jornalístico atual?

| | 2012 | | 2017 | |
|--|------|-----|------|-----|
| | N | %* | N | %* |
| Abriu uma empresa | 45 | 5% | 60 | 8% |
| Cargo de confiança em órgão público | 49 | 5% | 40 | 5% |
| Concurso público | 119 | 12% | 166 | 22% |
| Contratação como prestador de serviços | 47 | 5% | 36 | 5% |
| Em continuação a estágio ou trainee | 80 | 8% | 25 | 3% |
| Foi convidado(a) | 175 | 18% | 117 | 15% |
| Indicação de amigo ou colega | 180 | 19% | 138 | 18% |
| Processo seletivo realizado pelo contratante | 232 | 24% | 162 | 21% |
| Seleção por empresa de recrutamento | 13 | 1% | 4 | 1% |
| Vínculo familiar | 5 | 0% | 4 | 1% |
| Outro | 14 | 1% | 16 | 2% |
| Não trabalham com jornalismo | 274 | | 465 | |

* Percentual sobre respostas dos que trabalham em jornalismo
Org: os autores

Os jornalistas continuam trabalhando muito, em especial quando se considera que a carga horária regulamentada na mídia é de até cinco horas diárias. Houve aumento na proporção de jornalistas que trabalham de 5 a 8 horas e redução na faixa dos que trabalham de 8 a 12 horas (Tabela 5). Os que trabalham até 5 horas e os com mais de 12 horas permanecem proporcionalmente estáveis.

9 As políticas de austeridade fiscal, com a suspensão ou a redução da realização de concursos públicos, deram-se sobretudo após 2016; até então, a contratação de jornalistas pelo Estado, nos três níveis de governo, deu-se com bastante intensidade (SCHMITZ, 2018).

Tabela 5. Em média quantas horas você trabalha por dia em funções jornalísticas?

| | 2012 | | | 2017 | | |
|-----------------------------|------|-----|-----|------|-----|-----|
| | N | % | %* | N | % | %* |
| Até 5 horas | 126 | 10% | 13% | 111 | 9% | 15% |
| De 5 a 8 horas | 452 | 37% | 47% | 416 | 34% | 54% |
| Entre 8 e 12 horas | 352 | 29% | 37% | 222 | 18% | 29% |
| Mais de 12 horas | 29 | 2% | 3% | 18 | 2% | 2% |
| Não trabalham em jornalismo | 274 | 22% | - | 466 | 38% | - |

* Percentual sobre respostas dos que trabalham em jornalismo
Org: os autores

Os 1.233 jornalistas que participaram da pesquisa também assinalaram melhoria nos salários. Há uma redução na presença de respondentes nas faixas salariais até cinco salários mínimos e aumento nas faixas de cinco a vinte salários mínimos, mantendo-se inalterada em 2% desse grupo a parcela que compõe a elite profissional em termos de renda, acima de vinte mínimos (Tabela 6). Ou seja: a parte da categoria que conseguiu permanecer na carreira progrediu em termos salariais, apesar das crises.¹⁰

Tabela 6. Qual a sua renda mensal proveniente do trabalho como jornalista?

| | 2012 | | | 2017 | | |
|----------------------------------|------|-----|-----|------|-----|-----|
| | N | % | %* | N | % | %* |
| Até 1 salário mínimo | 41 | 3% | 4% | 8 | 1% | 1% |
| Mais de 1 a 2 salários mínimos | 81 | 7% | 8% | 45 | 4% | 6% |
| Mais de 2 a 3 salários mínimos | 139 | 11% | 14% | 90 | 7% | 12% |
| Mais de 3 a 4 salários mínimos | 160 | 13% | 17% | 120 | 10% | 16% |
| Mais de 4 a 5 salários mínimos | 158 | 13% | 16% | 104 | 8% | 14% |
| Mais de 5 a 10 salários mínimos | 236 | 19% | 25% | 274 | 22% | 36% |
| Mais de 10 a 20 salários mínimos | 99 | 8% | 10% | 96 | 8% | 12% |
| Mais de 20 salários mínimos | 22 | 2% | 2% | 14 | 1% | 2% |
| Não informa | 19 | 2% | 2% | 12 | 1% | 2% |
| Sem renda | 6 | 0% | 1% | 6 | 0% | 1% |
| Não trabalham como jornalistas | 272 | 22% | | 464 | 38% | |

* Percentual sobre respostas dos que trabalham em jornalismo
Org: os autores

10 Esse dado pode ser refinado em novas etapas da pesquisa, comparando-se as variações de renda de cada respondente (nos dados deste artigo, os valores estão agregados). Note-se que a pesquisa tomou como parâmetro para aferição de renda o valor do salário mínimo nos anos de cada levantamento (2012 e 2017), período em que o mínimo ainda teve ganhos reais em relação à inflação anual acumulada.

O esperado de uma carreira profissional é a melhoria das condições de trabalho conforme avançam o tempo e a experiência, situação que garantiria a permanência dos indivíduos no mercado. O aumento da quantidade de docentes e a atração de profissionais da mídia para funções de assessoria podem ser explicados não apenas pela redução do emprego na mídia, mas pela busca deliberada por melhoria das condições de trabalho por parte dos jornalistas. A forte precarização da atividade jornalística, atestada na pesquisa de 2012, manteve inalteradas suas características. Como a precarização atinge mais fortemente os mais jovens e os que iniciam na categoria, o estudo de 2017 aponta relativa melhora para os que permaneceram na profissão, devido ao aumento da experiência e a avanços próprios da carreira.

As poucas pesquisas de trajetórias profissionais no Brasil e a inexistência de estudos dessa natureza sobre o jornalismo trazem consequências para a análise dos dados. Não há referências anteriores para a taxa de desistência da profissão, dado mais flagrante do possível impacto das crises sobre a categoria. Por outro lado, a deterioração de condições de trabalho, a frustração em alcançar metas profissionais, a dificuldade de conciliar vida profissional e laboral e a atratividade de outras carreiras motivam a saída dos indivíduos de uma ocupação - caso de 16% dos respondentes.

Além dos indicadores de carreira e precarização, colhemos representações dos 1.233 jornalistas a respeito dos possíveis impactos da crise sobre oito dimensões de seu trabalho (Tabela 7). Os respondentes foram convidados a avaliar os efeitos da crise em cada dimensão numa escala entre “não afetou nada” (0) e “afetou completamente” (3). Todas as dimensões foram de algum modo impactadas pela crise, na avaliação dos respondentes, em taxas que variaram entre 64,6% e 80,6%. Os jornalistas afirmaram que a crise afetou menos no aumento da jornada de trabalho - já elevada, como constatado em 2012 - e na autonomia profissional. As chances de ascensão profissional, a remuneração e o tamanho da equipe (redução) foram as dimensões do trabalho mais afetadas. Estabilidade no emprego, benefícios não-salariais e multifuncionalidade também foram afetadas negativamente pela crise, em escala média superior à metade dos respondentes (acima de 1,5).

Tabela 7. Em que medida as seguintes dimensões do seu trabalho como jornalista ou professor de jornalismo foram afetadas negativamente pela crise política e econômica?

| | Não afetou negativamente | Afetou pouco | Afetou | Afetou muito | Total | Média |
|---|--------------------------|--------------|--------|--------------|-------|-------|
| Autonomia profissional | 27,57% | 26,75% | 28,12% | 17,56% | 1.099 | 1,36 |
| Remuneração | 19,35% | 19,62% | 32,82% | 28,21% | 1.106 | 1,70 |
| Benefícios não-salariais | 25,16% | 19,96% | 29,54% | 25,34% | 1.097 | 1,55 |
| Estabilidade no emprego | 25,32% | 20,49% | 26,68% | 27,50% | 1.098 | 1,56 |
| Possibilidade de ascensão profissional | 21,98% | 17,35% | 31,34% | 29,34% | 1.101 | 1,68 |
| Aumento de jornada de trabalho | 35,40% | 21,93% | 24,48% | 18,20% | 1.099 | 1,25 |
| Aumento no número de funções executadas (multifuncionalidade) | 23,56% | 21,92% | 27,12% | 27,40% | 1.095 | 1,58 |
| Tamanho da equipe de trabalho | 22,20% | 17,38% | 28,84% | 31,57% | 1.099 | 1,70 |

Org: os autores

Além das dimensões do trabalho, a crise também afetou a quantidade de demissões, o que tomou proporções dramáticas no Brasil principalmente a partir de 2014. Dentre os 1.125 jornalistas que responderam essa questão, a maioria (65%) declarou não ter sofrido demissões no período. No terço que foi demitido, 20% foi dispensado individualmente em uma ocasião e 5%, em mais de uma ocasião. A demissão coletiva, fenômeno denominado no meio jornalístico como “passaralho”, atingiu 9% dos respondentes em uma ocasião e 1% em mais de uma situação. Dentre os demitidos, um grupo de 64% permaneceu nessa situação por menos de seis meses, 17%, de seis meses a um ano, 12%, de um a dois anos e 7%, acima de dois anos. Após a demissão, esses jornalistas, em maior número, passaram a trabalhar em outras atividades fora do jornalismo (17%), em outra empresa de mídia com contrato de trabalho (15%) ou na mídia sem contrato de trabalho (12%) (Tabela 8)

Tabela 8. O que fez após a demissão do trabalho jornalístico?

| Opção | % (N) |
|---|-------------|
| Continuou trabalhando para o mesmo empregador, sob outra forma de contratação (PJ, MEI, frila, autônomo etc.) | 4,85% (19) |
| Trabalhou em outra atividade fora do jornalismo | 16,84% (66) |
| Trabalhou em outra empresa de mídia, com contrato de trabalho | 14,54% (57) |
| Trabalhou em outra empresa de mídia, sem contrato de trabalho | 11,73% (46) |
| Abriu ou integrou uma empresa ou iniciativa jornalística independente | 7,14% (28) |
| Trabalhou em funções jornalísticas fora da mídia, com contrato de trabalho | 8,16% (32) |
| Trabalhou em funções jornalísticas fora da mídia, sem contrato de trabalho | 7,65% (30) |
| Trabalhou como professor de jornalismo | 2,55% (10) |
| Permaneceu desempregado | 7,91% (31) |
| Retomou estudos | 6,89% (27) |
| Outra ação. | 11,73% (46) |

Org: os autores

Os dados indicam efeitos dramáticos da crise sobre a parcela da categoria afetada pelo desemprego - no bloco dos 35% que foram demitidos, um quinto permaneceu sem trabalho por mais de um ano. As respostas reforçam a conexão entre desemprego e saída do jornalismo (a taxa de 16,8% é próxima dos dados de evasão profissional constatados em outras questões). Também permitem supor que uma parcela das iniciativas de jornalismo independente foi criada em decorrência de uma situação de desemprego (embora em escala pequena), tema que pode ser objeto de investigações posteriores.

Discussão final

A hipótese inicial deste artigo - de que os jornalistas de mídia sofreram com particular intensidade os efeitos da crise que ajudaram a amplificar - pode ser agora analisada sob dois aspectos. Primeiro, pela observação da situação dos que permaneceram na profissão e desenvolveram uma carreira jornalística nos últimos cinco anos. Segundo, ao estudar as taxas e características daqueles que saíram da profissão.

As características da atividade jornalística no Brasil - a carga horária de trabalho mais alta, a quantidade de vínculos empregatícios e qualidade de tais vínculos - permaneceram estáveis para quem continua exercendo a atividade, na mídia ou fora dela: estáveis na precariedade. A média salarial dos que permaneceram melhorou nos últimos cinco anos, resultado do aumento de status e da experiência adquirida na carreira. As atividades jornalísticas na mídia sofreram de fato maior impacto negativo na amostra estudada - é nesse segmento que a dimensão editorial da crise produz seus efeitos mais diretos.

Para permanecer em carreiras profissionais, os sujeitos necessitam de condições laborais e financeiras estáveis ou melhores, o que pode ser alcançado pela ocupação de posições de maior status no segmento em que atua, pela aprovação em concurso público ou pela mudança para outras atividades no campo (por exemplo, de professor ou de assessoria, no caso dos trabalhadores de mídia). Portanto, para os sujeitos que permanecem na categoria, o impacto da crise é mitigado por esses movimentos. Ressalta-se, porém que os sujeitos têm clara percepção do impacto das crises, principalmente quanto à remuneração, à possibilidade de ascensão na carreira e à redução do tamanho das equipes.

É justamente sobre a percepção de redução do tamanho das equipes que dirigimos o olhar para o importante dado de 35% dos respondentes fora do jornalismo (já descontados os 2,3% que se aposentaram). Hiperqualificados, numa sociedade de baixa formação escolar, os jornalistas sofrem menos efeitos da crise sob a forma do desemprego - a taxa de não-ocupação entre os respondentes chegou a 8%, inferior à média da população economicamente ativa (12%), mas, ainda assim, quase o dobro das condições de pleno emprego de 2012. Sair da profissão para realizar outras atividades foi o caminho adotado por 19% dos respondentes.

Como explicar que quatro em cada dez jornalistas estejam agora fora do jornalismo? Vários fatores podem afetar essa resposta: quantidade de vagas (que sofreram redução) versus a quantidade de profissionais disponíveis (com aumento no número de formados); taxa de desistência histórica da atividade; retorno financeiro incompatível com a demanda da vida pessoal (crescente em função de casamento e filhos, por exemplo); concorrência de outras atividades que atraem os jornalistas formados; juvenilização dos cargos devido à desvalorização editorial e financeira promovida pelas empresas do setor, etc.

As crises interferem nas decisões dos indivíduos e nas características da atividade. A crise editorial é anterior e já afetava fortemente o jornalismo antes das crises político-econômicas. Nem todas as temporalidades e movimentos distintos de cada crise podem ser captados pelo tipo de pesquisa que desenvolvemos aqui.

Os impactos da crise brasileira sobre o conjunto da sociedade e sobre os jornalistas em específico exigem reflexões quantitativas e qualitativas capazes de explicar os vários aspectos que delimitam a situação. O nosso esforço está em reunir e estudar a bibliografia nacional e internacional sobre o assunto, bem como sistematizar os dados da pesquisa de Trajetórias Profissionais para qualificar as análises. Sob esse aspecto, a pesquisa oferece elementos não esgotados neste esforço, e que resultarão em explicações e questões pertinentes à condição da profissão de jornalistas do Brasil.

Referências

- Babbie, E. (2005). *Métodos de Pesquisa de Survey*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Bastin, G. (2013). Paradox of the Pariah: Toward a Weberian Understanding of Modern Journalism. *Max Weber Studies*, v. 13, p. 216.
- Bastin, G. (2016). L'approche morphologique des mondes de l'information : modèles et données pour l'analyse séquentielle de la personnalité des journalistes. *Recherches en communication*, 43. Disponível em: <<http://sites.uclouvain.be/rec/index.php/rec/article/view/10363/7713>>.
- Bastin, G., Machut, A. (2016). Gravitation et dispersion dans les carrières des journalistes passés par la presse quotidienne nationale. *Temporalités*, 23. (hal-01382317 | <http://temporalites.revues.org/3403>).
- Bean, R., Weaver, D., Browlee, B. (2009). Changes in professionalism of US journalists in the turbulent twenty-first century. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, v. 86, n. 2, p. 277-298.
- Becker, H. (1982). *Art worlds*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- Becker, H. (2009). *Outsiders*. Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bergamo, A. (2014). A escrita do presente: mudanças no status cultural do jornalismo. In: In: Miceli, Sérgio; Pontes, Heloísa (Org.). *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Ed. Edusp. . p.214-239.
- Bertolini, J. (2015). Formas duradouras e formas emergentes de trabalho precário entre os jornalistas brasileiros. *Vozes e Diálogo*, v. 14, n. 1, p. 241-253. Disponível em: < <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/7333>>. Acesso em 27 dez. 2017.

- Bertolini, J. (2017) Jornalista multimídia e jornalista multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. *Animus*, Santa Maria, v. 16, n. 31, p. 213-228. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897/pdf>>.
- Braga, R. (2012) *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo.
- Cervi, E. (2010). Métodos quantitativos nas Ciências Sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com os qualitativistas. In: BOURGUIGNON, J. *Pesquisa Social: reflexões teóricas e metodológicas*. Ponta Grossa (PR): Toda Palavra.
- Charron, J., Bonville, J. (2016). *Natureza e transformação do jornalismo*. Florianópolis: Insular.
- Dardot, P., Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Darmon, M. (2008). La notion de carrière: un instrument interactionniste d'objectivation. *Politix*, vol. 21, n° 82, p. 149-167.
- Evans, J; Mathur, A. (2005). The value of online surveys. *Internet Research*, v. 15, n. 2, p. 195-219. Disponível em: < <http://www.emeraldinsight-com.ez82.periodicos.capes.gov.br/doi/pdfplus/10.1108/10662240510590360>>.
- Figaro, R. (org). Nonato, C. & Grohmann, R. (2013). *As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas*. São Paulo: Atlas.
- Garcia, J. (2009). Introdução ao estudo dos jornalistas portugueses. In: GARCIA, José Luís (org). *Estudos sobre os jornalistas portugueses: metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI*. Lisboa: ICS, p. 23-46.
- Grohmann, R. (2012). *Os Discursos dos Jornalistas Freelancers Sobre o Trabalho: comunicação, mediações e recepção*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação), USP, São Paulo.
- Harvey, D. (2016). *17 Contradições e o Fim do Capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Herscovitz, H. (2004). Brazilian journalists' perceptions of media roles, ethics and foreign influences on Brazilian journalism. *Journalism Studies*, v. 5, n. 1, p. 71-86.
- Herscovitz, H. & Cardoso, A. (1998). Brazilian Journalist. In: WEAVER, D (Org). *The global journalist: News people around the world*. New York: Hampton Press. p. 417-432.
- Herscovitz, H. (2012). Brazilian journalists in the 21st century. In: WEAVER, David; WILLNAT, Lars. *The global journalists in the 21st century*. New York: Routledge, 2012, p 365-381.
- Hughes, E. (1960). The Professions in Society. *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue Canadienne d'Economie et de Science Politique*, Vol 26, nº. 01, p. 56-61.
- Hughes, E. (2015). Ciclos, Pontos de Inflexão e Carreiras. *Teoria e Pesquisa*, n. 46, p. 163-173. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/90/80>.
- Hughes, E. (1984). *The Sociological Eye: selected papers*. Nova York: Routledge.
- Kozinets, R. (2014). *Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online*. Porto Alegre: Penso.
- Leite, A. (2015). *Profissionais da mídia em São Paulo: um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo*. Tese (Programa de PósGraduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Lelo, T. (2019). A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. *Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, p. 1-14. DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n254225.
- Lopes, F. (2013). *Ser Jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica*. São Paulo: Paulus.

- Mellado, C., Lagos, C. & Moreira, S. (2012). Comparing journalism cultures in Latin America: The case of Chile, Brazil and Mexico. *Gazette*, v. 74, n. 1, p. 60-77.
- Mellado, C., Márquez, M., Mick, J. Oller, M. & Olivera, D. (2017). Journalistic performance in Latin America: A comparative study of professional roles in news content. *Journalism*, v. 16, n. 9. Disponível em: < <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884916657509>>.
- Mick, J. (2013). *Detalhamento metodológico da pesquisa "Perfil profissional do jornalismo brasileiro"*. Florianópolis, UFSC, 2013. Disponível em: http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2012/04/PerfilJornal_Metodologia.pdf.
- Mick, J. (2013). Precarização e o trabalho do jornalista brasileiro. XI Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo. *Anais...* Curitiba, SBPJOR. Disponível em: <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/download/2467/557>.
- Mick, J. & Lima, S. (2012). *Perfil do Jornalista Brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular.
- Mick, J. & Pontes, F. (2013). Jornalistas que formam jornalistas: um estudo sobre a docência a partir do Perfil do jornalista brasileiro. *Rebej*, Brasília, v. 3, p. 58-78.
- Pereira, F. (2011). Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2011, Recife. *Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*. p. 15p.
- Pereira, F. (2013). Três estatutos, uma identidade. Comparação das carreiras profissionais de jornalistas, assessores de imprensa e professores de jornalismo em Brasília. In: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília. *Anais...* Brasília: SBPJor. p. 19p.
- Pereira, F. (2015). Os estágios e a construção da carreira jornalística. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015, Campo Grande. *Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. v. 13. p. 16 p.
- Petrarca, F. (2007) *O jornalismo como profissão*. Recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Porto Alegre: UFRGS.
- Pontes, F. (2015). *Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo*. Florianópolis: Insular.
- Pontes, F. (2017). Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. *E-Compós*, São Paulo, v. 20, p. 1-15, jan-abr 2017. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/1310/925>.
- Pontes, F. & Almeida, G. (2017). A pesquisa acadêmica sobre jornalismo na pós-graduação brasileira: dados sobre as teses e dissertações publicadas nos programas de Comunicação e Jornalismo (1972-2015). *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 9-21. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p09>.
- Riffel, R. (1984). *L'élite des journalistes : les hérauts de l'information*. Paris: PUF.
- Rocha, P. (2004). *As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1412/TesePMR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Schmitz, A. (2017). A migração dos jornalistas para o marketing de conteúdo. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). São Paulo. Encontro Anual da SBPJor.

- Schmitz, A. (2018). *Pesquisa sobre concursos para jornalistas*. Florianópolis: Combook.
- Singer, A. (2009). Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos Estudos CEBRAP* (Impresso), v. 85, p. 83-99.
- Singer, A. (2012). *Os sentidos do lulismo*. Reforma gradual e pacto conservador. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras. v. 1. 276p.
- Singer, A. (2016). A (falta de) base política para o ensaio desenvolvimentista. In: André Singer; Isabel Loureiro. (Org.). *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?*. 1ed. São Paulo: Boitempo Editorial. v. 1, p. 21-54.
- Standing, G. (2014). *O precariado: a nova classe perigosa*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Strauss, A. (1992). *Miroirs et masques*. Une introduction à l'interactionnisme. Paris: Métailié.
- Weaver, D. & Willnat, L. (2012). *Journalists in the 21th century: conclusions*. In: *The global journalist in the 21th century*. London/ New York: Routledge.
- Wright, K. (2005). Researching Internet-Based Populations: Advantages and Disadvantages of Online Survey Research, Online Questionnaire Authoring Software Packages, and Web Survey Services. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 10, n. 3. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2005.tb00259.x/full>.

